

389

DIRECTOR  
ARMANDO  
VIEIRA  
PINTO



# *Movimento*

QUINZENARIO  
— CINE —  
MATOGRAFICO

1\$50



**NALLY**

---

**E**

**BENAMOR**

---

**MARCAS DE  
FAMA MUNDIAL**

Entre as várias criações de 1934  
destaca-se o **MAGNÍFICO BATON**,  
cientificamente preparado, em  
todos os tons, à prova de beijos  
e delicadamente perfumado.

---

**SOCIEDADE DE PERFUMARIAS NALLY, L.<sup>DA</sup>**

---

Filial no Pôrto: Rua Sá da Bandeira, 136-2.º—Telefone, 6164.

**O D E O N**  
 QUALQUER MATINÉE  
 ATÉ 15 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**S Ã O J O Ã O**  
 MATINÉE DE 5 OU 12  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 2 ENTRADAS

**T I V O L I**  
 MATINÉE DE 8  
 DE ABRIL DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**T E A T R O**  
**O L I M P I A**  
 QUALQUER SESSÃO ATÉ  
 15 DE ABRIL DE 1934  
 40 %  
 1 ENTRADA

**C I N E - O V A R**  
 MATINÉE DE 8  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**A V E I R O**

**C E N T R A L**  
 MATINÉE DE 8 OU 13  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**T E A T R O**  
**A V E I R E N S E**  
 MATINÉE DE 8 OU 15  
 DE ABRIL DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**T I V O L I**  
 MATINÉE DE 15  
 DE ABRIL DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**Cruz Quebrada**

**C I N E - P R A I A**  
 QUALQUER ESPECTÁCULO  
 ATÉ 15 DE ABRIL DE 1934  
 20 %  
 1 ENTRADA

**C I N E - O V A R**  
 MATINÉE DE 15  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**Figueira da Foz**

**C O N D E S**  
 QUALQUER MATINÉE  
 (Excepto aos Domingos)  
 ATÉ 15 DE ABRIL DE 1934  
 25 %  
 1 ENTRADA

**T E A T R O**  
**P E N I N S U L A R**  
 SOIRÉE DE 5  
 DE ABRIL DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**T E A T R O**  
**A V E N I D A**  
 MATINÉE DE 8  
 DE ABRIL DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**A L G É S**

**C I N E M A**  
**K U R S S A L**  
 ESPECTÁCULO DE 4  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**C I N E - O V A R**  
 MATINÉE DE 15  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**B R A G A**

**T E A T R O - C I R C O**  
 MATINÉE DE 8  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 Entrada de plateia

**T E A T R O**  
**P E N I N S U L A R**  
 SOIRÉE DE 12  
 DE ABRIL DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**T E A T R O**  
**A V E N I D A**  
 MATINÉE DE 15  
 DE ABRIL DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**C I N E M A**  
**K U R S S A L**  
 ESPECTÁCULO DE 11  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**T O M A R**

**T E A T R O**  
**D E T O M A R**  
 SOIRÉE DE 5  
 DE ABRIL DE 1934  
 25 %  
 1 ENTRADA

**T E A T R O - C I R C O**  
 MATINÉE DE 15  
 DE ABRIL DE 1934  
 50 %  
 1 Entrada de plateia

**CONCURSO DE COLABORAÇÃO**  
 N.º 20  
 VÁLIDO ATÉ  
 AO DIA 27  
 DE ABRIL DE 1934

**T E A T R O**  
**D E T O M A R**  
 SOIRÉE DE 12  
 DE ABRIL DE 1934  
 25 %  
 1 ENTRADA

**C O N D E I X A**

**C I N E - A V E N I D A**  
 MATINÉE DE 8 OU 15  
 DE ABRIL DE 1934  
 20 %  
 1 ENTRADA



*movimento* \_\_\_\_\_ número 20  
*quinzenário cinematográfico* \_\_\_\_\_ 1 de Abril  
 \_\_\_\_\_ 1 9 3 4

capa, comp. e imp. da \_\_\_\_\_  
 imp. portuguesa \_\_\_\_\_  
 rua formosa, 108 \_\_\_\_\_  
 p ô r t o \_\_\_\_\_  
 propriedade de \_\_\_\_\_  
*Armando e Armando* \_\_\_\_\_  
 assinaturas: \_\_\_\_\_  
 6 números — 9\$00 \_\_\_\_\_  
 12 números — 18\$00 \_\_\_\_\_  
 avulso — 1\$50 \_\_\_\_\_

administrador e editor: armando barros \_\_\_\_\_  
 redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto \_\_\_\_\_  
 este número foi visado pela comissão de censura \_\_\_\_\_



# RUA 42



Um filme em que vemos,  
com verdade e emoção,  
o trabalho exaustivo da  
montagem de uma grande  
revista da

## BROADWAY

APRESENTADO EM PORTUGAL

POR

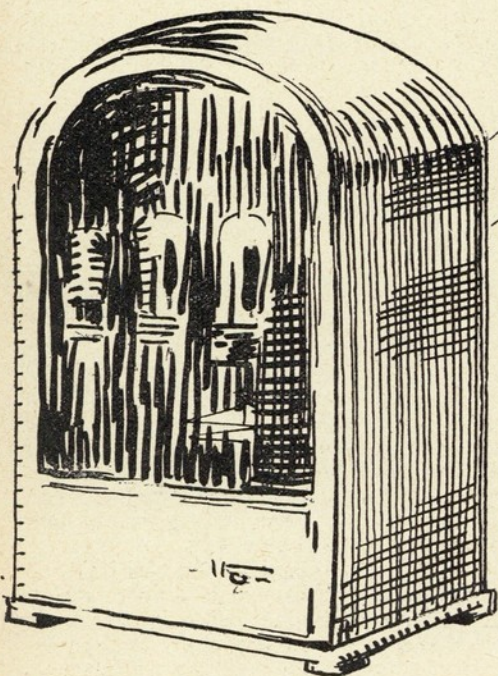
CASTELLO LOPES, L.<sup>DA</sup>

LISBOA



O I Ç A

A VOZ DO  
MUNDO



**CROSLEY  
RADIO**

---

---

---

**CASA FORTE**

S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281  
Rua Santa Catarina, 20  
Telefone, 2425 — PORTO

# Cinema Nacional

Tratando o problema da produção fonocinematográfica nacional falei no número passado do MOVIMENTO sôbre as responsabilidades que a "Tobis Portuguesa" criou para com os seus acionistas, para com o público em geral e para com o próprio país. Nas minhas palavras havia—nem eu tentei ou tentarei escondê-lo—um pouco do azedume que souberam criar em todos os que possuem uma opinião e entendem guardá-la, as manobras pouquíssimo lícitas e nada inteligentes de alguns publicitários "ratés". Mas propositadamente passei em claro as considerações que poderiam fazer-se às inúmeras facilidades e às possibilidades maravilhosas que a "Tobis" teve nas mãos—auxílio do Estado, interesse do público, protecção da crítica — e ao modo como foram aproveitadas ou desaproveitadas.

É que eu sei perfeitamente distinguir os homens das obras. A "Tobis Portuguesa" pode e deve vencer. É muito possível até que neste momento, da Assembleia Geral dos seus acionistas tenha saído já a solução que a leve para melhores caminhos. Se isso assim fór, ninguém se alegrará mais profunda e sinceramente do que eu. Por agora tenho que limitar-me a continuar a minha exposição que pretendo terminar neste número.

A segunda das duas empresas actualmente existentes em Portugal para a produção fonocinematográfica, "Bloco H. da Costa" disse, de entrada, pretender fazer *cinema internacional*. Vamos tomar esta classificação como boa, lembrando que no primeiro artigo desta série se deixou já nitidamente marcada a nossa não concordância com o sentido que à palavra foi dado. Evidentemente o erro do "Bloco" sintetizando na significação de *cinema internacional* a ideia de *cinema pretendendo interessar, ao mesmo tempo à quem e além fronteiras*, não é mais do que uma consequência do erro da "Tobis" sintetizando na significação de *cinema nacional* a ideia de *cinema pretendendo interessar apenas à quem fronteiras*. Isto é, porém, uma simples questão de palavras, como também já foi dito. E o seu interesse é muito relativo, no caso presente.

Em confronto com a teoria da "Tobis" a teoria do "Bloco" tem por si grandes vantagens e grandes desvantagens. Do primeiro lado nota-se imediatamente a possibilidade de maiores receitas, como consequência de maior campo de exploração, como do segundo se nota logo a obrigação de maior dispêndio inicial, como consequência de maiores necessidades artísticas, técnicas e espectaculares.

Para o activo das vantagens nasce logo o facto da propaganda nacional no estrangeiro, único lugar, afinal, onde é verdadeiramente útil e superiormente interessante, como para o activo das desvantagens surge logo a necessidade do encontro de motivos com maior exotismo, maior pitoresco, sabor menos hermêticamente nacional, pela necessidade de fazer compreender as psicologias, os costumes, os usos, os caracteres, a psi-

cologias e caracteres muito diferentes, quando não diametralmente opostos.

Vantagens e desvantagens sem conta possui portanto a teoria tomada pelo "Bloco" para directriz actual da sua produção, quando olhada em confronto com a teoria que para si tomou a "Tobis Portuguesa". Mas, dentro das suas pretensões, para triunfar—e, neste caso, obter um triunfo que terá de ser, pela própria força das circunstâncias, muito maior que o discutível triunfo do filme da "Tobis"—o filme do "Bloco" terá de ser-lhe altamente superior em qualquer das três dimensões: arte, técnica, espectáculo.

Tratado por largo, aqui fica o problema da cinematografia portuguesa, no seu estado actual. Evidentemente, e com pequeníssimo trabalho, ter-me-ia sido possível alargar-me em considerações minuciosas e pequeninas. Isso, porém, far-me-ia criar mais e muito maiores inimizades do que as que assim mesmo já criei de-certo. Além disso não me bastariam duas ou três páginas do MOVIMENTO, antes me seriam imprescindíveis dois ou três números completos. E isso não podia ser.

Evidentemente, se o negócio da produção fonocinematográfica nacional se não apresentasse como um negócio de lucros remuneradores, nem a "Tobis" nem o "Bloco" existiriam. Em resumo: qualquer das duas empresas existe para fazer o seu negócio, por uma questão de interesse e não para criar e manter o Cinema Português, por uma questão de benemerência patriótica.

A "Tobis", de organização industrial inicialmente assentando em bases mais sólidas, abalou essas bases e abalou-se a si própria pela desmedida palermice dos seus meninos-prodígio. O "Bloco" de organização inicial mais aventureira e insegura, soube escolher melhor os seus triunfos e espera reunir um *royal-street-flush* para abater o jôgo.

A primeira teve nas mãos todos os elementos constitutivos de um triunfo como os que o são, e desaproveitou-os. Foi o touriste burguês e pesado que sobe a uma altura pequenina e rasoável, de onde, se o tombo que pode dar é pequeno e sem perigo, também o panorama que enxerga é estreito e sem beleza. O segundo indo buscar os pontos de apoio onde sabia encontrá-los, esqueceu o perigo, esqueceu o tombo, e pensou apenas em subir a uma grande altitude, de onde lhe aparece um rasgado horizonte e um amplo espaço a conquistar.

E aqui está, meus senhores. Junto aos destinos destas duas empresas andam indissolúvelmente ligados os destinos do cinema português. E êsse só pode ser feito por bons técnicos e por bons artistas, qualquer que seja a sua nacionalidade. Os nossos aprenderão, a praticar. E venha então depois o tal cinema feito por portugueses. Antes disso... é basófia.

Armando Vieira Pinto

# O cinema ao serviço duma classe

*A Juan Piqueras, exemplo raro de independência e de clara visão crítica.*

Todos nós — isto é, todos aqueles para quem o cinema não é apenas um divertimento e uma diversão, mas uma arte — desejamos a independência da produção cinematográfica. Isto é, desejamos que ela deixe de ser dominada por interesses não artísticos. Parece contudo que há optimistas para acreditar numa solução puramente cinematográfica, ou seja: que é possível remediar esses males de que sofre o cinema, por uma terapêutica que não bula com outros órgãos da actividade humana. Ora, se consideramos o cinema uma arte, sabemos que é, também, uma indústria. E portanto, pretendendo lutar contra os desvios que a levam o mais das vezes a ser indústria apenas, temos que ocupar a posição de quem defronta um problema económico-social. Se verberamos a crítica que se vende, a publicidade mentirosa, a orientação dos produtores e dos exibidores, devemos fazê-lo em nome do bom gosto, do senso artístico? Não, porque nem o crítico que se vende, nem a revista que precisa anunciar, nem o exibidor e o produtor que querem dinheiro, têm quaisquer fins artísticos: são fabricantes, retalhistas e caixeiros viajantes à conquista do mercado; que lhes importa bom ou mau gosto, arte, talento?! Prosperar, é o seu objectivo — e tem muita razão, e nada mais devemos esperar, porque é o seu papel de engranagem entre outras engrenagens duma sociedade: — a sociedade capitalista. Todos eles estão integrados numa sociedade que só por hipocrisia os não absolverá (e a verdade é que por vezes não os absolve; como se não fôsse natural que a sociedade que acima do humano põe o mecânico, acima dos valores da vida os valores económicos, desprezasse a arte, na qual o humano, e os valores da vida, encontram a sua mais alta afirmação! Mas é natural ao homem dar-se por aquilo que não é). Nós, aqueles que, apesar de presos nas malhas dessa sociedade a repelimos, renegando os seus valores, não podemos pois iludirmo-nos ao lutar contra as misérias da produção cinematográfica actual; não nos basta verberar os efeitos, atacando a inferioridade dos filmes e a trivialidade da crítica: precisamos de ir até às causas, e para isso, integrar a produção cinematográfica no sistema do qual é parte integrante.

Há imensos sintomas que, a uns olhos desempoeirados, devem bastar para que a evidência desta afirmação se lhes patenteie: reparemos, por exemplo no melhor da produção actual de todos os países: veremos, sempre que o conflito dramático ponha o homem em luta com as leis e a sociedade, a conclusão do filme é sempre favorável a estas. Quando se transpõe para o cinema uma obra literária, viu alguém que essa obra não seja traída, se nas suas linhas gerais conduzir a uma crítica à sociedade actual? Que um homem pretenda mostrar num filme algumas das misérias que nos afligem, só o poderá fazer se por uma conclusão forçada mostrar que a culpa é do indivíduo, que tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis, e fizeram do filme uma lição de moral. Lembrarei o filme *Oito raparigas num barco*, cuja audácia de argumento é apenas aparente, porque tudo acaba festivamente; lembrarei *Zoo in Budapest*, com a solução de conto da carochinha. Mas na vida as coisas não são tão fáceis. Os pais nem sempre perdoam o que eles osam chamar o *pecado* das filhas, e o homem que por humanidade derogam às leis, as raparigas que fogem dos asilos, não encontram nunca num protector de milagre a salvação.

(Cito estes dois casos, já indicados aos leitores de MOVIMENTO por uma crítica de Fernando Barros e por uma transcrição de Altman).

E de tudo isto resulta o seguinte: como a obra de arte, para o ser plenamente, precisa ser criada sem imposições que a desvirtuem, sucede que, completas obras de arte, só o

podem ser hoje os filmes que pelo seu assunto não impliquem com os princípios da sociedade em que somos obrigados a viver; e quando assim não sucede, dão-se casos como os atrás exemplificados. Ou, tendo, ou pelo seu fundo, ou pelo ambiente, ou por alusão apenas, quasi todos os filmes um valor social, sucede que quasi

tôdas as formas pelas quais se exprimem os criadores cinematográficos se acham sob a dependência duma censura que, consciente ou inconsciente (as duas formas existem) de igual modo proíbe que o cinema possa dar obras que se equiparem àquelas que por exemplo, nos dá a literatura.

Nenhum esforço de renovação, pois, será válido senão na medida em que seja feito com plena consciência do único sentido em que éle pode dar fruto; e esse sentido é o que vê no cinema uma forma de arte cuja liberdade só pode existir no dia em que deixe de estar enfeudada ao regime da compra e venda.

Fora disto, que se pode fazer? Bem sabemos a sorte que espera o ingénio a quem se meta em cabeça realizar um filme, se esse filme não se sujeitar a certos interesses. É necessário um grande capital, e não é dos cérebros dos que o possuem que costumam brotar ideias de filmes, e a vontade de os realizar.

Exprimir a realidade viva dos dramas humanos, erguer ante os nossos olhos, em imagens fortes e luminosas, o homem em toda a sua miséria e em toda a sua glória, quem melhor que o cinema o pode fazer hoje? Onde está, por exemplo, o filme que nos dê a luta do homem preso, vencido pelas desigualdades sociais? do homem e da mulher a quem a sociedade envolva a vida, pelos preconceitos que envolveram o amor que os liga? da mulher que se dá e é vítima do crime, que a sociedade não perdoa, de amar sem uma cerimónia ridícula? das vidas humildes e condenadas a uma mediocridade irremediável? e tantos, tantos outros?

Sim, nós temos visto no cinema todos estes assuntos; mas as desigualdades acabavam porque se descobria que o apaixonado da duquesa era marquês sem o saber; os preconceitos acabavam por perdoar o passado, porque um desses milagres que se dão no fim de 99/100 dos filmes tudo recompunha; e nunca há males irremediáveis nos filmes, nem calvário de mulher que não tenha a sua recompensa. Ah! como eu tenho vergonha da época em que vivo, quasi tôdas as vezes que vou ao cinema!

E não é só nos conflitos que são *tabu* por mostrar misérias sociais que se prefere calar, é também nos conflitos puramente morais que a hipocrisia da sociedade actual mostra o seu medo a contemplar a verdade. Lembro apenas um dos mil casos: é um filme que vi a semana passada: *Inferno Submarino*. Vê-se lá um homem que ama uma mulher casada; o marido desta é inválido. Como julgais que se resolve o problema? Ora, resolve-se, porque não há problemas que se não resolvam no cinema: sacrifica-se o amante, dá-se-lhe uma morte heróica, na qual éle vai lavar-se do crime de ter amado e de ser amado! E tudo regressa à normalidade, pois para a festa ser completa, arranja-se um milagre da ciência que põe o inválido saozinho como um pêro! Não há dramas no cinema, senão para ser resolvidos, e resolvidos a bem. É assim que se envenena o público, com injeções deste optimismo hediondo, que nos amarga na bôca, que nos envergonha — porque não podemos deixar de nos sentir responsáveis, nós que assistimos calados a êsse alastrar sem fim de covardia, de hipócrita satisfação, de conformismo criminoso.

O cinema é assim, e sê-lo-á, enquanto...

*Adolfo Casais Monteiro*



Mae

West!

Mae

West!



Antes de entrar pròpriamente no assunto que hoje aqui me traz, eu queria começar êste artigo com uma exortação.

Exortação essa semelhante a um toque de reunir que juntasse todos à volta do nome de esta actriz.

Exortação que fôsse um brado de àlerta, pois poderíamos com mais propriedade parafrasear o grito da rua do Lá Vem Um... que neste caso seria Lá vem uma... uma artista a valer, merecedora do nosso aplauso, da nossa simpatia, do nosso carinho.

Mas... e o mas surge para mim, agora, mais adversativo do que nunca. Pois o certo, certo, é eu não ter visto ainda Mae West. E ficava no papel de Fialho de Almeida... Contudo, «onny soit...» da comparaça com o ilustre escritor. Conhecem com certeza a anedocta verdadeira:

Duma vez, Fialho, na botica da terra contava maravilhas da Suíça. O seu génio pictural, a garra do escritor inconfundível punha aqui e além, na descrição, lampejos do seu talento peregrino. Os ouvintes ouviam-no enlevados. E Fialho com o auditório suspenso da sua palavra vai desfiando a beleza de tóda a paisagem.

No fim, um dos circunstantes não se conteve que não dissesse entusiasmado: «— O dr. muito tem viajado». E logo outro acode suspiroso: «— Quem me dera a mim conhecer essas terras». Ao que Fialho respondeu solícito para repor as coisas no seu lugar: «— Não, não... os senhoreses tão

enganados. Isto que eu contei são as vistas duns postais que tenho lá em casa...»

Ora «mal acompanhado» eu também posso dizer-lhes: o que vão ler são coisas aprendidas numas revistas que tenho na redacção.

Mae West! Mae West! Êste nome gritado já tantas vezes, pode parecer insistência rclamativa. Será bom, no entanto, acentuar que de princípio o que nos interessa a nós (e é o que deve interessar a vocês) são as consequências, os sectores onde a figura de esta vedeta soube marcar e até impor-se com uma rapidez de sucesso como subida de cotações em Wall Street.

Sabido como é o estrondoso êxito do filme «Nascida para pecar» que nos Estados Unidos ultrapassou os melhores optimismos, vejamos o que constituiu êsse agrado.

Pela intérprete? Em parte, sem dúvida; pois Mae West é uma artista como poucas, segundo dizem. Pelo argumento? Em parte, também; pois Mae West é escritora (como sabem) já consagrada e é da sua autoria o enredo.

Mas acima de todos estes requisitos «Nascida para pecar» venceu com estrondo mercê do guarda-roupa, do guarda-roupa de Mae West. Os vestidos apresentados por ela nessa película voltam a ser como eram aqui há alguns anos atrás, acentuando mais a plástica, o contôrno. O talhe esgal-

gado, fruste e liso cede lugar às curvas deliciosamente pronunciadas e ampliadas graciosamente no corpo feminino. Eis como falam os costureiros, pessoas entendidas nestas difíceis questões. E mais: quando o filme «Nascida para pecar» foi exibido em Paris, o mesmo sucesso, o mesmo geral e franco acolhimento foi feito à inovação de Mae West. E o filme agrada na Europa também, mais pelo facto de realçar em novos moldes, a arte de vestir mulheres.

E só assim se compreende (melhor, se confirma; melhor, nos capacitamos) ao saber que Madame Trofusus deu uma festa na Torre Eiffel, à qual assistiram inúmeras convidadas tôdas vestidas pelo figurino à Mae West.

Foi um acontecimento marcante no meio parisiense. Escusado será dizer que Jean Patou, Madame Schiaparelli, Moinbocher, enfim—todos os árbitros da elegância tomaram nota cuidadosa e atenta do novo rumo...

Mas não julguem Mae West como conhecedora apenas da arte de bem vestir. Reparem neste pedaço de entrevista o qual não resisto a transcrever e digam-me depois se Mae West além de vestir bem, não sabe falar melhor.

Um jornalista, ansioso por conhecer as opiniões da nova estrela da Paramount, perguntou-lhe sem mais nem menos:

— Que opinião tem sobre o amor?

E Mae West responde-lhe desembaraçadamente:

— Eu, como tôda a gente, penso a respeito do amor duma maneira diferente do vizinho.

O jornalista não teve senão que baixar a cabeça e perguntar de novo.

— Está bem. Mas que pensa Você?

— O amor é um sentimento que não é nosso.

Espanto do interlocutor que pergunta varado:

— Não é nosso?!

E logo resposta de Mae West ilucidativa ao máximo:

— Sim, senhor; não é nosso pela simples razão de que nós, quero dizer, os que amam, são do amor, pertencem-lhe. E o amor faz dêles o que quiser.

E depois de inquirir de outros problemas e de outras preferências:

— Seria indiscrição perguntar-lhe se é verdade que Você acaba de completar vinte e três anos?!

— Não, não me parece indiscrição, contudo...

— Contudo, quê?

— Essa pergunta parece mais própria dum detective que dum repórter.

E se quiserem leiam ainda — porque vale a pena — algumas afirmações escritas por esta artista, resumo bem cinematográfico da sua vida agora tão célebre.

«Muitas pessoas que só me conhecem por me ver nas fitas, julgam o meu triunfo alcançado de um só golpe; uma coisa como chegar a Hollywood e a celebridade, qual fada dêstes modernos tempos, me tivesse tocado com a varinha mágica para dum dia para o outro, ser aclamada pelo público. Ora nada disso.

O que alcancei não é obra do acaso, mas sim do meu próprio esforço. Desde pequena ambicionei ter nome. Desde então, quer trabalhasse em números de variedades, comédias musicadas, ou em livros escritos por mim, a minha vontade tendeu sempre para o mesmo fim: triunfar.

Não tenho, como outras artistas, na minha vida lances novelescos.

Nunca passei um dia sem ter que comer, nem sem ter onde dormir. Mas o que posso afirmar é que mais duma vez trabalhei vinte horas nas vinte e quatro que tem o dia.»

Outra afirmação curiosa e que merece ser arquivada:

«Sacrifiquei o casamento à minha carreira, os divertimentos, as viagens; porque a minha carreira fascinou-me como uma novela interessantíssima na qual, apenas acabado um capítulo, se sente o desejo, a curiosidade de ver o que acontece no seguinte.»

E aqui tem, em traços largos, um auto-retrato de Mae West, a artista que indicou até a maneira de se arranjar os vestidos, na filmagem do seu filme. E quem diria que êsse recorte gracioso, essa evocação dos trajes de Lillian Russell vistos por Mae West na sua meninice, lhe trariam — em «Nascida para pecar» — a justa fama dum ressurgimento quási imortal...

*Alexandre de Médicis*



# Panocrâmica

## Paris

Preparam-se nos studios Pathé-Nathan de Joinville, os primeiros *décors* para o filme *Tartarin de Tarascon*, que Raymond Bernard vai realizar de colaboração com Marcel Pagnol. O papel de Tartarin foi entregue a Raimu. Os outros papéis não estão ainda definitivamente distribuídos.

~

Estão anunciados para breve dois filmes a que se prognostica um grande sucesso: *Volga en flames*, de Tours-jansky e *Les Deux Canards*, produção cômica de Eric Schmidt com Dranem no protagonista.

~

Prepara-se um filme sobre a vida do célebre compositor Franz Liszt. O realizador será Max Neufeld e a partitura será da autoria de Paul Abraham.

~

Desde 16 de Março próximo passado que se exhibe no Courcelles-Palace o film *Crainquebille*, tirado da obra célebre de Anatóle France.

~

A comissão parlamentar de inquérito sobre o caso Stavisky fez projectar os três filmes que os operadores cinematográficos haviam impressionado no Vieux-Logis e que a censura do Ministério do Interior tinha proibido de ser apresentados ao público. Vários membros da Comissão foram de tal modo impressionados pelos filmes aludidos que os acham prova suficiente do não-suicídio de Stavisky.

## Leningrad

Vários filmes se terminaram ultimamente, sendo os seguintes os mais importantes:

~

*L'Orage*, segundo um drama de Ostrovsky, realizado debaixo da direcção de B. Petrovsky. Tarassowa, do Teatro Lírico de Moscovo desempenha o papel principal.

~

*Deux fois né*. O filme trata da vida dos ciganos nómadas e da sua psicologia, transformada pela revolução. Foi realizado por Archansky.

~

*Une nuit de St. Petersburg*, tirado dos romances de Dostoiewsky tratando da sorte dum violinista-compositor, perseguido pela sociedade burguesa a-pesar-do seu génio. O filme foi dirigido por Rochal, sendo interpretado pelos artistas do Teatro Artístico de Moscovo.

~

*Alena, la bonne femme*. O filme tem por tema a reconstituição da psicologia atrazada da camponesa russa e tornada numa boa obreira da grande reconstrução soviética.

## Hollywood

Por iniciativa de Hal Roach, o célebre produtor de filmes cómicos a quem se deve a série dos filmes de Laurel e Hardy, acaba de ser criada em Hollywood uma escola para os jovens escritores que desejem especializar-se em escrever argumentos para filmes.

Os cursos duram apenas quatro semanas e terminam por um exame. Todos os candidatos aprovados neste exame são contratados por Hal Roach pelo período de um ano, ao salário mínimo de 50 dollars (um conto de réis, aproximadamente) por semana. Do sucesso dos seus filmes depende a renovação deste contracto em condições mais vantajosas. Bem entendido também que todos aqueles que não consigam afirmar as suas aptidões não conseguirão ver o contracto renovado.

## Londres

Logo que se termine em Hollywood o papel de Luís XVI que vai desempenhar ao lado de Norma Shearer, Charles Laughton regressará a Londres onde filmará um célebre romance de capa e espada, *The Scarlet Pimpernel*, da baronesa Orczi.

~

A United Artists acaba de fechar contracto com Alexandre Korda para distribuir anualmente 8 filmes da London-Filmes, e com Herbert Wilcox da British and Dominions, para distribuir também anualmente 12 filmes daquela firma productora. Como se vê, a indústria cinematográfica inglesa progride.

## Berlim

Hans Albers decidiu não renovar o seu contracto com a UFA.

~

Ivan Petrovitch desempenhará o principal papel masculino de *A Grinzing, près de Vienne*, de que o principal papel feminino será desempenhado por Gertl Theimer.

## Lisboa

Reabriu o CENTRAL, depois de um pequeno interregno para a mudança de gerência. Acontecimento este grato ao público, não o foi menos para o nosso amigo Sr. Raúl Lopes Freire que, ao retomar a Direcção daquela casa de espectáculos viu no acolhimento do público — pelo interesse dum lotação exgotada rapidamente — uma recordação de quanto agradara a sua antiga gerência.

~

Não nos é possível, por absoluta falta de espaço no presente número fazer detalhada referência sobre o filme SINFONIA INCOMPLETA, um belo filme, com bellissimo acompanhamento musical, que a firma Castello Lopes apresentará ao público do Porto no próximo dia 9 do corrente, no elegante e bem frequentado S. João-Cine. Limitamo-nos portanto a augurar ao elegante cinema e ao conhecido distribuidor, o triunfo que merece o filme em questão, e que o público de bom gosto não deixará de dar-lhe.

~

No próximo número de «Movimento» será dado o *compte-rendu* da Assembleia Geral dos acionistas da Tobis Portuguesa, com as apreciações que entenda dever fazer-lhe o enviado especial da nossa revista.

# Tribunal dos pequenos delitos

## Resposta breve

Um certo tipo que há tempos se queixava ao meu amigo Alves Costa de eu passar por ele na rua sem o cumprimentar, mete-se comigo durante uma página em certa revista que acabam de me mostrar, chamando-me sr. Barros, trantando-me por V. Ex.<sup>a</sup> e afirmando não ter o prazer de me conhecer. Como veem, não se pode ser mais delicado.

Eu, a quem as boas maneiras sempre sensibilizaram, quero também ser de qualquer forma amável para com o cavalheiro e, assim, dir-lhe-ei que ainda não me esqueci do seu nome.

Nem isso de resto era possível, depois de ter lido um folheto que ele publicou com o próprio retrato na capa, e que se chama *Hollywood, foco mundial de cinema*; nem podia esquecer o seu nome depois de ter visto e gozado uns hilariantíssimos cartões de visita em que o cavalheiro, a seguir ao nome, tinha mandado imprimir mais ao menos o seguinte: *autor do livro tal, colaborador da revista tal, membro da sociedade tal, etc., etc.*

Bom, mas isto é a parte ridícula do assunto, que não vale a pena explorar mais.

Agora a sério: não me interessa absolutamente nada discutir com este cavalheiro, nem rebater as suas considerações acacias, escritas ainda por cima em linguagem nem sempre clara.

Todavia, para dar uma ideia dos processos de certo jornalismo provinciano, vou transcrever umas linhas.

A certa altura da minha crítica a *Nos confins do mundo*, dizia eu:

«É claro que dessa forma o cine limitar-se-ia a ser uma coisa híbrida, fria, ôca, sem humanidade; perderia a sua categoria de arte e o seu espantoso poder de utilidade (agitação de ideias, difusão de cultura, reportagem, etc.), para se colocar, muito simplesmente, no mesmo nível do *music-hall*, do circo de cavalinhos e das revistas do Parque Mayer.

Mas isso que importava, se o que a gente queria era divertir-se?

Ora felizmente as coisas não são assim.»

O tal cavalheiro, na sua transcrição, substituiu o antepenúltimo e o penúltimo períodos acima transcritos, pelo seguinte:

«E mais adiante, depois de dar a entender que o cinema deve ir além do *music-hall*, do circo de cavalinhos e das revistas do Parque Mayer, o Sr. Barros afirma:

*Ora felizmente as coisas não são assim.»*

E conclue:

«Não apoiado.»

Mais abaixo, o mesmo indivíduo diz não compreender a seguinte afirmação minha, que ele classifica de *tão original como complicada*: «Em resumo, *Nos confins do Mundo* é tecnicamente excelente; sob qualquer outro aspecto é um filme péssimo».

Ora digam lá com franqueza: que se há-de fazer a um cavalheiro que num filme não sabe ver outra coisa que não seja a técnica, e que de vez em quando escreve sobre cinema?

Ainda gostava de saber porque diabo é que ele, noutra local da mesma publicação chama a *Alvorada* «uma obra antipática».

Será por causa da técnica?

E agora, para acabar, transcrevo mais dois pedacinhos da admirável prosa do cavalheiro: «porque o argumento é um elemento secundário, e tão secundário que há filmes — obras-primas, até — que não têm argumento, mas baseiam-se numa simples idéia».

Ora, noutra sítio, referindo-se a *O preço duma vida*: «ação por vezes arrastada (consequência dum enredo insuficiente para um filme desta metragem)...»

E querem estes pequenos brincar às polémicas!

Fernando Barros

## Em defeza de sua dama

Em cavalheiresca defeza de sua dama, hipoteticamente desconsiderada por nós, surge um moderno D. Quixote lisboeta. Monta a cavalo, os vários FF do seu nome simétrico incham de bélico furor e, acompanhado pelo fiel Sancho, desenhador nas horas vagas, ei-lo que investe comnôco, miserável, heróico e grotesco, chamando-nos coisas feias à mistura com coisas pomposas.

Não lhe desejamos mal nenhum. Sabemos ser compreensivos, generosos e gratos. E compreendemos perfeitamente que, neste comêço doce de primavera, os pequeninos insectos saíam de seus casulos sombrios e venham rebolar-se, gozados e sôfregos, ao quente sol e à luz alegre do Senhor.

Mesmo, se a vida é quasi sempre tam árdua, tam difficil e tam insipida, porque não dar o nosso agradecimento e o nosso apoio aos que veem, num raro espirito de sacrificio, alegra-la com o ridiculo sem fim das suas momices sábias, das suas heróicas bufonérias e da sua esperteza saloia?

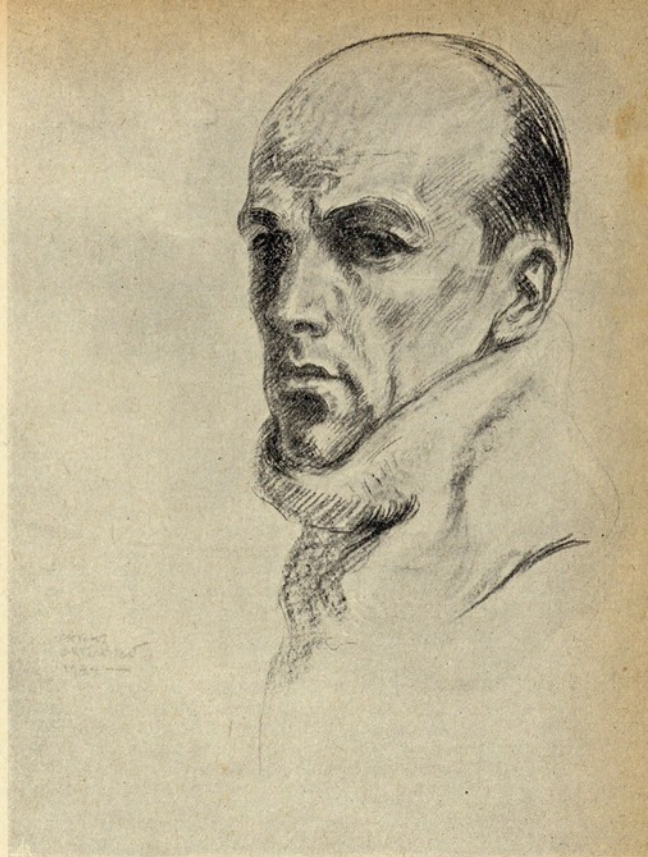
Mas não passe o sapateiro além da chinela, nem discuta o menino coisas de gente crescida.

Ser ou não ser patriota, eis a questão!

E a discussão é velha. Já ao subtil e espirituoso Eça de Queiroz, os puritanos inflamados e os patriotas de olhos em alvo chamaram nomes feios, só porque ele fôra sincero e dissera abertamente ao seu país as verdades — amargas mas verdades! — que entendera dever dizer-lhe. Ficamos pois em boa companhia, mau grado as irritações dos vários FF, ou até do alfabeto inteirinho com K, W e tudo!

A exposição  
de retratos

# Carlos Carneiro



Dois notáveis trabalhos do pintor Carlos Carneiro: um retrato do nosso director e um esplêndido auto-retrato, ùltimamente mandado à exposição da Sociedade de Belas Artes de Lisboa.

Como noticiamos, vai o pintor Carlos Carneiro fazer uma exposição de retratos. Nesta página se publicam as reproduções de dois preciosos trabalhos do artista: o retrato do nosso director, e um auto-retrato, exposto ùltimamente na Sociedade de Belas Artes de Lisboa com merecido e invulgar successo.

A exposição que Carlos Carneiro vai fazer está destinada a constituir um autêntico acontecimento artístico e mundano, não só pelo valor inegável dos retratos, como pela categoria dos

retratados, figuras tôdas elas conhecidíssimas nos nossos meios da elegância e do espírito.

Para nós é agradabilíssimo dar esta notícia ao público interessado por coisas de arte, visto que temos a convicção do triunfo que vai colhêr o nosso camarada, artista de excepcionalíssimas qualidades e raríssima elegância de concepção e realização.

A MOVIMENTO está prometido a resenha completa dos trabalhos a expor, que esperamos poder dar aos nossos leitores já no próximo número. E esperamos poder também muito em breve anunciar aos cinéfilos de *verdad* a notícia de uma outra exposição do môço artista, exposição essa que a êles pròpriamente se dirigirá e que não deixará de os interessar profundamente.

# Vamos criar um club cinematográfica? Vamos!

Era esta a resposta rápida, simples e sincera, que vós querieis receber à vossa tentadora pergunta-convite — «Vamos criar um club cinematográfico?» — do passado n.º 13 do MOVIMENTO.

Era esta a resposta rápida, simples e sincera que as raparigas vos queriam dar!

Mas, afinal, não deram; não deram e a Marianela saiu do seu repouso forçado para injectar reacção nas tímidas; e um seu camarada saiu também à liça, de palavras duras em riste, a desempoeirar as maliciosas.

Ambos entenderão muito de psicologia feminina, ambos tocaram talvez em pontos fracos.

As meninas aficionadas aos bordados e à literatura mórbida devem ser, de facto, os vossos pecados e, quanto a mim, são até um verdadeiro pesadelo quando não sabem distribuir ao crochet e a Júlio Dantas o papel que lhes compete — tornar, quando é preciso descaçar, a cabeça deliciosamente óca.

Todavia, elas largariam o naperon e o romance para correr ao «rendez-vous» cinematográfico, sem atribuir ao club êsses designios preversos, nem pensar essas coisas feias que nascem espontaneamente dos seus cérebros brancos.

A má cotação do termo *club*, para as pobres meninas, será apenas o resultado do ar proibitivo da mamã, do ar importante do papá, do ar misterioso do mano, ou do ar piscadela de olho do primo.

Todavia, elas largariam o naperon e o romance, escandalizando ainda mais êsses ares escandalizados, se...

— Alto! Eu não quero acabar já! —

Das raparigas da nossa terra, porém, nem tôdas bordam em inglês, nem todas vivem nessa redoma de vidro que não deixa entrar o ar e que, por ser ordinário, deforma as imagens das coisas.

Muitas, felizmente, vivem cá fora, estudam, leem, trabalham e freqüentam o cinema sem chaperon nem sentinela.

— «Mas como as outras, diria a Marianela, respeitam ou temem êsse monstro feio e disforme que se chama preconceito!»

O preconceito! Essa bicha de sete cabeças dos contos da minha infância, sete cabeças estúpidas e maldosas — a da vizinha, a da amiga íntima, a da criada, a do parente, a da vizita da casa, a do pretendente repellido e aquela sem nome, a quem nós servimos e nos pagam — sete cabeças sete cabeças vazias, móveis, viscosas, que tudo vêem, tudo comentam, tudo defendem sem saber porquê?

O preconceito! Quantos males, continua a sagaz Marianela, êle não tem feito já e fará ainda!

No entanto, quanto a mim, como ela está enganada!

¿Não proíbia o preconceito, aqui há anos, as saias acima do Joelho e os cabelos cortados, os maillots e os batons?

¿Por causa do preconceito não iam as meninas para o colégio e para o liceu (as que iam) acompanhadas pela criada?

¿Não é contra as suas leis deambular aos pares, pelas ruas solitárias, ao sol-pôsto?

¿Não se irritou o preconceito com aquele atrevido *você*, tratamento tam indecente, para a boca duma menina?

Mas irritou-se, contorceu-se, chocou-se e acabou por acalmar.

É que o querer tem muita força, sobretudo quando êsse querer é comum de dois, de dois que tendem a fazer um todo...

É acabo de chegar, ilustres e desempoeirados fazedores do MOVIMENTO, à conclusão que pretendia.

As raparigas da nossa terra estão-se marimbando para o preconceito (vêdes que até falam calão?) quando o Tabú é uma coisa querida não só por elas mas também por *Eles*.

Êles, os tais, aqueles que se escrevem com maiúscula e

sabem ser docemente despóticos e adoravelmente tiranos. Êsses que, quer sejam intelectuais ou incultos, cinéfilos ou comerciantes, como o óco preconceito, sem saber porquê, tam guardadinhas nos desejam que gostariam de nos trazer dentro de si.

Se V. é uma mulher autêntica, Marianela, deve saber que os monstros belos são mais perigosos que os disformes e *Êle* é sempre um monstro sedutor.

Agora vamos concretizar:

Suponhamos o nosso club (ide reparando no possessivo) criado, organizado, bem cotado e mixtamente freqüentado. Tomemos, por exemplo, o nosso consócio Amok e enviemo-lo a Lisboa a assistir às reuniões da Tobis, por exemplo também.

E agora, Amok, suponha V. a sua noiva ou a sua esposa a escrever-lhe assim, de cá:

«... Não te escrevi ontem porque regressei tarde do club. Tinha-se discutido o momentoso problema do cinema educativo para gente crescida e fui intimidada (o nosso despotico Armando fez escola) a apresentar na próxima sessão em que se reexibirá — Raparigas do Uniforme —, uma conferência elucidativa. Tremendo sob a enorme responsabilidade — foram especialmente convidadas as perceptoras a domicilio e as directoras dos internatos — deitei abaixo a biblioteca com o auxilio do (aqui o nome do consócio mais simpático) que apenas me sabia aconselhar a leitura do (aqui o nome dum autor escandalizante que tôda a gente cita agora) ...»

Se ao chegar a esta altura da carta, V. não maldissemos a hora em que se criaria o club e não abandonasse os negócios e as acções para vir descompôr a sua descarada metade; se V. fôsse capaz de manter uma tal serenidade que lhe permitisse ligar o «rádio» para ouvir a conferente, disposto a regosijar-se se ela fizesse boa figura ou a criticá-la se fracasasse, eu faria êco com a Marianela e o Alcântara, increpando as raparigas pelo seu acanhamento, pela sua malícia, pela sua estupidez!

Mas eu tenho a certeza de que assim não era.

As raparigas tem a certeza de que assim não será se elas ousarem quebrar o fio que as prende, tam fino, talvez, como o das linhas de bordar, mas que constitui o suporte da sua felicidade.

Eu gostava que todos vós metessem a mão na consciência e dissessem depois, desempoeiradamente, quem tem a culpa de que as raparigas não soltem rápida, simples e sinceramente a desejada resposta: Vamos!

Março de 1934.

Maria Branca

## Nota da Redacção

Recebemos há dias esta carta e entendemos dever publicá-la, pelo que encerra de verdadeiro e sensato e pela graça com que está escrita.

A sua gentil e inteligente autora permitiu-nos que a inserissemos em MOVIMENTO, com a condição de o seu nome não ser revelado. Assim fazemos, lamentando que a rotina do nosso meio, obrigue uma rapariga moderna, desempoeirada e esperta, a esconder-se atrás dum pseudónimo — sem interesse e sem significação como todos os pseudónimos.

E a... Maria Branca pedimos a continuação da sua amizade e da sua colaboração, aquela, para nós tão grata; esta, para nós tão valiosa.

# Parábola do peixinho maluco

desenho animadíssimo

Ao Sr. Chianca de Garcia.

Numa taça de cristal,  
sôbre uma console de espelho,  
um pobre peixe vermelho  
vivia  
menos mal.

Êle era tôda a alegria,  
todo o feliz divertimento  
de certa triste criança  
que o sofrimento  
e a anemia  
duma terrível doença,  
tinham retido, no quarto  
onde a console existia.

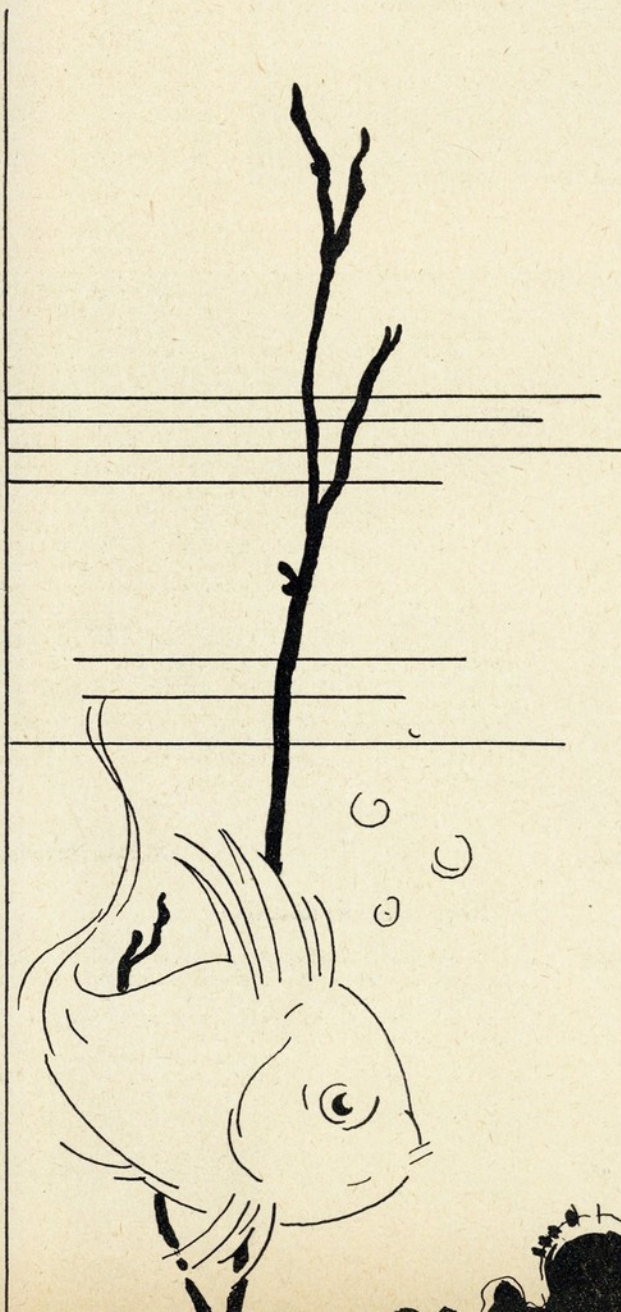
Porém, um dia  
— dia formoso de sol —  
o pobre peixe já farto,  
de divertir o menino,  
pensou num novo destino  
ao ver-se reflectido  
no espelho da console.

Como a taça era encurvada,  
seu vulto fêz-se enorme, desmedido,  
na imagem  
retratada.

Encheu-se então de coragem  
tomando por natural  
o vulto do espelho  
e dando um salto mortal:  
— «Eu sou algum fedelho!»  
disse já fora da taça:  
— «Um peixe como eu  
num vaso dêste tamanho?»

... Mas fêz-se-lhe a vista baça:  
um arrepio estranho  
o percorreu  
sufocado pelo ar  
e feito da côr da cera  
o pobre peixe morreu.

— Morreu por se julgar  
muito maior do que era!



Luis Guedes



## "Máscaras de cera" um filme de terror



Não se trata de averiguar as causas da predilecção do nosso público por aqueles filmes de ambiente sombrio, de personagens misteriosos, de velhos casarões abandonados, de passagens secretas, de janelas sem vidros e de recantos com teias de aranha.

Essa decidida predilecção está comprovada, desde sempre, por numerosos exemplos e, como facto indiscutível, dispensa uma investigação de motivos explicativos. Ainda hoje se recorda com saúde o velho «Fantomas», «A Queda da Casa Usher», o célebre «Cat and Canary» e muitos outros que seria ocioso mencionar.

Mas se já nesse tempo distante era manifesto o interesse de todos pelos chamados *filmes de terror*, com o aparecimento do *sonoro* êle aumentou, redobrando. É que uma nova condição de agrado, um novo elemento criador de ambiente, de emoção, de... pavor, surgira: o GRITO!...

O *grito* torna-se indispensável sempre que se pretenda causar calafrios, pôr ao alto os cabelos dos espectadores, *chicotear-lhes* os nervos. Reconheceu-se a insuficiência das portas que se abrem e fecham sem que se saiba como; dos olhos que faíscam na escuridão; das teias de aranha e dos vidros partidos... E hoje, se o público estremece, sua, sente um arrepio a percorrer-lhe a espinha e crispa os dedos no braço da cadeira — é porque ouviu um grito, um grito penetrante, sibilino, medonho, que a heroína do filme soltou, ao ver-se frente a frente com o perigo.

Vem isto a propósito de «Máscaras de Cera», um filme que veremos brevemente no S. João, distribuído por Castello Lopes. O sucesso alcançado por esta produção em todos os países foi enorme. Os críticos mais exigentes e de maior competência dedicaram-lhe elogiosas referências e todos foram unânimes em salientar os seguintes pontos: a originalidade do assunto, a caracterização de Lionel Atwill e a interpretação de Fay Wray.

Deu-se o caso raro em cinema de todos os públicos concordarem com todos os críticos. E ainda há pouco, em Lisboa, «Máscaras de Cera» obteve um grande êxito de bilheteira.



Merecê-lo há também, sem dúvida, na sua próxima passagem pelo Pôrto, tantas e tamanhas são as condições de agrado que possui.

Tiveram razão os críticos cinematográficos ao assinalar a novidade do assunto tratado neste filme.

De facto, êle é diferente de quanto tem sido apresentado até hoje e pertence-lhe mesmo esta particularidade importante para o nosso público, tão amigo do verosímil: é muito mais humano, muito menos fantástico do que todos ou quasi todos os filmes de terror.

Gostaria de narrar o argumento para desde já convencer os leitores da verdade desta afirmação. Mas reconheço que fazê-lo, seria roubar cinquenta por cento do interesse que «Máscaras de Cera» está despertando, e por isso prefiro deixar corrido o véu que encobre o mistério, certo de que a ansiedade do público não se sentirá iludida nem ludibriada após a exibição.

Da caracterização de Lionel Atwill não há que dizer, dada a impossibilidade de a descrever. Imagine-se quanto há de mais horrível em feições humanas; e a imagem que surgir ficará muito àquém da máscara disforme, horrenda, que êsse actor talentoso conseguiu para o seu papel.

Finalmente há Fay Wray, a sua actuação perfeita e os seus gritos de pavor, cheios de sinceridade e, por isso mesmo, emocionantes, capazes de eletrizarem de medo a plateia mais serena e mais «sangue-frio».

Por tudo isto, «Máscaras de Cera» vai ter repetido entre nós o sucesso que em todo o mundo alcançou. E o nosso público, a quem filmes d'êste género agradam como nenhuns, sairá satisfeito e desejoso de voltar.

Resta dizer que «Máscaras de Cera» é todo tecnicolorido pelo mais moderno e aperfeiçoado sistema, o que muito o valoriza.

Augusto Alcântara



# De Teatro

## "Chapéus modelos"

3 actos portugueses  
de  
António Alves

O original de António Alves, não é peça para empolgar o público e atirar rapidamente o seu autor à celebridade. Talvez por isso mesmo escape aos malefícios das várias firmas em Portugal organizadas para a exploração comercial de produção de peças de teatro. Talvez, por isso mesmo ainda, escape à fúria com que é uso serem desancados impiedosamente os originais portugueses em que há esforço e em que há boa vontade, no mesmo lugar em que se louvam certas comédias francesas de exportação possuindo como passaporte o serem obscenas, muito mal escritas, péssimamente traduzidas e horrorosamente representadas. Emfim...

O original de António Alves, como disse, não é peça para empolgar o público. Mas não é isso condição necessária e suficiente para que uma peça de teatro seja boa ou seja, sequer, teatro. E, acima de tudo, não foi uma obra empolgante que o autor pretendeu fazer.

Em arte, não me interessa a moralidade ou não moralidade do autor ou da sua obra, a justiça ou não justiça do fim que o artista pretendeu atingir. Não me interessa, tam pouco, a discordância ou concordância em que a sensibilidade, a razão ou a consciência do artista estão para com a minha própria sensibilidade, a minha própria razão ou a minha própria consciência. Interessa-me apenas verificar se, pôsto um ponto limite para o esforço artístico, êsse esforço produziu ou não obra capaz de atingir êsse ponto limite. A afirmação significa uma vitória. A negação significa uma derrota.

António Alves conseguiu o seu propósito: fazer uma peça de teatro leve e acertada, cheia de espírito e cheia de bom gosto. E demonstrou-nos ao mesmo tempo com clareza a sua posse de curiosas faculdades de observação e raríssimas possibilidades de transposição. As figuras que ergueu, movem-se no palco tal e qual como se moveriam na vida. O seu drama é humano, simples, natural como elas próprias e como a anedota que as envolve e em cuja plastização nós sentimos vivo e presente, da primeira à última palavra, o espírito pessoalíssimo do autor, às vezes irónico, às vezes sentimental, às vezes tocado de ternura singela, mas sempre leve, sempre elegante.

António Alves conseguiu uma coisa que nem toda a gente consegue. Sem exotismos, sem malabarismos, sem exageros ou *trucs* de qualquer espécie, contou-nos um conto ora sorridente ora embebido de uma leve melancolia, em destes contos, em suma, em que não é necessário levantar a voz. O assunto é arrancado à vida, passou-se de-certo milhares de vezes, neste momento mesmo há de estar desenrolando-se em muitos pontos a um tempo. E cada figura aparece aos nossos olhos no momento próprio, ergue-se, desenha-se, define-se. Depois segue naturalmente o seu caminho. E o espectador parece não estar num teatro vendo representar uma peça, mas debruçado na sua janela, vendo passar a vida.

Todos nós conhecemos a burguezinha sentimental, romântica e quasi mística, um bocadinho *vieux-jeu* mas sempre nimbada por um claro encanto. Diante de todos nós passou alguma vez, seguindo seu caminho onde a esperam lágrimas, porque fez do amor um sonho divino e o amor é, quasi sempre, um triste desejo humano.

Todos nós conhecemos a rapariga estouvada, alegre como o *champagne* ou como os pássaros cujas palavras não vão mais fundo que a garganta nem mais alto que os lábios, e ora ri, ora canta, ora salta, simplesmente «porque sim»!

E os outros também os conhecemos. O conquistador de profissão, com frases tiradas uma a uma do «Secretário dos Amantes», mas que são para a burguezinha lírica e romântica o cúmulo de elegância e um manjar divino; o *vieux-beau* ridículo, que ora nos causa nãojo, ora piedade, mas tem sempre, lá no fundo muito oculto de toda a sua malícia e de todo o seu cepticismo, uma reservazinha de bondade, para as grandes ocasiões; a cabotina de revista, emfim, deselegante,

deseducada e sem valor, mas que se julga um génio...

E estas figuras todas que são da vida, passam no palco como na vida. Vemo-las rir, chorar, amar, viver...

António Alves foi felicíssimo no modo como apresentou as suas figuras. Mal aparecem, tornam-se logo nossos conhecidos velhos. Por isso mesmo a sua peça é agradabilíssima, assentando em bases sólidas: equilíbrio, harmonia, naturalidade, humanidade e humor... Pena foi que alguns dos intérpretes não soubessem ou não quisessem dar ao público o que pretendia o autor.

Sobre interpretação tinha pensado, a princípio, falar apenas de Ilda Stichini. É a única de quem posso dizer sinceramente bem, e nada me repugna mais profundamente do que dizer mal. Mas não pode ser. Nós, no «Movimento» temos por norma dizer sempre aquilo que pensamos, tal e qual o pensamos, até ao fim. E a falta de senso, a falta de consideração pelo público, a falta mesmo de respeito próprio que representa a actuação de certos actores em certos papéis, não pode ser passada em silêncio. Que a tolere a crítica estabelecida, se quiser. Nós não! Aqui critica-se quando se quer, mas sem ser por hábito ou dever. Não devemos favores a ninguém, nem queremos os favores de ninguém. E isto explica tudo.

Ilda Stichini merece os elogios que se lhe possam fazer. Continua a formar, para mim, ao lado de Rey Colaço, Samuel Diniz e Almada, o grupo dos únicos que têm direito à vida, no nosso teatro de declamação. Na peça de António Alves, num papel feito para ela, e só para ela, é graciosa, perfeita.

Maria Sampaio errou no primeiro acto, no monólogo inicial. Vivacidade a mais, que não está de acordo com a psicologia do seu papel. Desagradou-me, nitidamente, na cena do terceiro acto com a mãe. Mas em compensação agrado-me completamente na cena do primeiro acto, com o velho conquistador.

Os outros — meus Deus! — não podiam, não sabiam, ou não queriam. Ora qualquer destes casos tem fácil solução. Se não podem ou não sabem, abandonem ou aprendam, respectivamente. Se não querem, então não se esqueçam de que o público paga e tem direito a que o não enganem.

Fica abaixo de toda a critica o trabalho de Erico Braga, que não sabia uma palavra do seu papel. Inutilizou, do princípio ao fim, todas as intenções do autor, com uma tal clareza, uma tal evidência, que chegava a parecer propósito.

É francamente incompreensível e francamente doloroso que se permita a auto-elevação de certas figuras. A culpa é, talvez, de Erico Braga. Mas é muitíssimo mais dos críticos que o deixaram arrogar-se uma superioridade que não existe, tal e qual como qualquer ingénua menina da provincia se convenceria de ser a rainha de beleza mundial, porque um rapaz lá da terra lhe disse que tinha os olhos bonitos.

Sobre o Sr. Estêvão Amarante, entendo que uma revista do Pôrto, não pode falar.

Acmendo Vieira Pinto

# Our Contest



*Para facilitar o trabalho dos nossos concorrentes indicamos a seguir alguns filmes dos dois simpáticos astros da Paramount, cujas fotografias se publicam nesta página:*

*GARY: Ruas da Cidade, Marrocos, Adeus ás Armas, etc.*

*SILVIA: Damas no Presido, Madame Buterfly, Ruas da Cidade, etc.*



Perhaps due to the small amount of time that they had to send in their solutions to the problem we proposed in our last issue, few were the solutions received.

Among all, however, we choose the best, thanking the winners who put themselves in direct contact with the Direction, so that they would receive their respective prizes.

We hope that this time they will appear among the contestants, and more. That no one let themselves be led by an excessive modesty. A modesty exaggerated constitutes a defect, just as much as an exaggerated vanity.

Come on, boys and girls! Send to our office, by the next day 7 of the month, a solution of the size of our "Crónica da Quinzena", on one side of the paper, and accompanied by the name of the contestant who publishes on the page of signs.

What is the best interpretation of GARY COOPER? What is the best interpretation of SILVIA SYDNEY?

AND WHY?

FIFTY ESCUDOS, to the two best solutions answering these questions.

# Resultado do

# CONCURSO

De tôdas as crônicas que recebemos, só nos é possível classificar uma.

Porquê?

Porque tôdas tratavam da melhor interpretação da Norma Shearer. Nem uma única apareceu a propósito do Clark Gable. A que devemos atribuir isto? Quem quiser que o descubra. Nós consideramo-nos incapazes para o fazer, e esperamos que, a propósito dos Artistas escolhidos para êste número as opiniões sejam menos unilaterais.

À autora da crônica publicada ao lado roga-se a fineza de enviar a sua direcção afim de lhe ser mandado o prêmio de CINCOENTA ESCUDOS que ganhou.

Abriu o "Movimento" belíssima revista cinematográfica, superiormente dirigida por Armando Vieira Pinto, um concurso para os seus leitores dissertarem sôbre o melhor filme de Clark Gable ou Norma Shearer.

Não sou evidentemente uma pessoa entendida em técnica de cinema, mas creio ser capaz de distinguir os bons dos maus filmes, os maus dos bons artistas.

Foi portanto com simpatia que vi escolhidos para êsse concurso, dois artistas que se podem classificar de bons, debaixo de todos os pontos de vista.

É Norma Shearer, sem dúvida alguma, uma mulher excepcional, um temperamento raro de artista, que sabe enternecer, que sabe comover, e demonstrou-o ainda últimamente no filme "Amor que não morreu" para muitos uma obra piegas e inexpressiva, para mim um soberbo filme de aproveitamento das reais qualidades de Norma, que foi humana, que demonstrou quanto na sua alma de mulher há de sensibilidade.

Haverá por ventura no seu género, alguma outra que a eguale? Haverá quem melhor possa exteriorizar tôda a gama de sentimentos? Creio que não.

Não me seduzem as grandes atitudes, não me convencem mesmo as artistas que se valem da sua beleza, do seu *sex-appeal*, para terem o seu público masculino.

A essas, preiro a Verdade da Norma, a sua beleza calma, a sua distinção, e o seu processo muito humano e feminino de viver os personagens.

Considero o último filme dela, passado entre nós, cujo título é "Amor que não morreu" o seu melhor filme. por ser aquele em que ela numa forma verdadeiramente assombrosa, nos demonstra todo o sentimento, verdade, amor e vitalidade do seu extraordinário temperamento de artista.

Sendo como sou uma admiradora de Norma Shearer eu não podia deixar de sôbre ela escrever duas desataviadas linhas respondendo assim ao apêlo lançado no "Movimento" aos leitores desejosos de manifestarem as suas ideas sôbre artistas. Diffcil senão impossível se torna escrever com brilhantismo sôbre os filmes de Norma Shearer, porque para mim todos são bons; no entanto o "Amor que não morreu" pôsto que muito romântico, é o filme em que ela se nos revela mais humana e mais extraordinariamente mulher.

# Primeiras exhibiões

## na Pôrta

### *A Vida Privada de Henrique VIII*

— Não foi a biografia de Henrique VIII que Alexandre Korda pretendeu contar-nos. Todo o primeiro período do reinado desse monarca — homem instruído, amante das artes, compositor musical e cultor de todos o *sports* de então, mas cruel, sádico, servil aos instintos e imperioso — período que tanta importância teve na história política da Europa, desde a vitória de Guinegate, na Batalha das Espóras, até às perseguições terríveis (agravadas pelo «Estatuto dos seis artigos», legitimando as maiores crueldades), que seguiram a separação de Inglaterra da Igreja de Roma — em virtude do Papa não conceder a anulação do casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão — foi pôsto de parte.

O filme começa em 1536, vinte e sete anos depois da subida de Henrique VIII ao trono de Inglaterra, no dia em que Ana Bolena, acusada de incesto, era decapitada. É pois quasi sòmente a sua vida particular, como prometia o título do filme, que nos é contada, de então em diante, numa prodigiosa evocação cinematográfica a que não falta um apurado «sentido de humor», a cada instante revelado. Muito embora o filme seja — como já era «Catarina da Rússia» — uma «interpretação pessoal» duma época e duma figura histórica, houve (mais ainda do que no citado filme) o cuidado de não alterar sensivelmente o carácter dos personagens e de seguir de perto, e tanto quanto possível, os factos tais como se julga terem passado, num ambiente cuja surpreendente justeza se verifica desde os trajos e os grandiosos «décors» até à fixação, em detalhe, de certos costumes e de certas características que nos transportam por completo a esse tempo que alguns séculos separam de nós.

O que a literatura, o que o teatro, o que a pintura não conseguem dar-nos totalmente, o cinema — mesmo este cinema descritivo que recorre ainda a meios que pertencem ao romance e ao teatro — consegue-o vitoriosamente. Por vezes o *écran* parece escancarar-se para dar ao filme grandiosas proporções. É a reconstituição prodigiosa dos jantares na cõrte, é a cena lindíssima no campo, num dia de ventania que açoita as árvores e as plumagens, é, depois, essa formidável cavalgada que o rei conduz, gritando entusiasticamente: *It's a boy! It's a boy!*...

Em todo o filme, dum equilíbrio impecável, composto com uma absoluta segurança de técnica, brilha, acima de tudo, a actuação desse enormissimo artista que é Charles Laughton, cuja figura parece ter sido arrancada à tela de Hans Holbein (o Novo). Quer nas cenas do jantar, quer na cena em que é informado do adultério de Catarina Howard, a sua interpretação — aliás sempre cheia de detalhes preciosos de boa observação — é verdadeiramente excepcional.

A excelente fotografia, devida a Perinal, adiciona aos inúmeros valores de «A Vida Privada de Henrique VIII», méritos e beleza que não devem passar à nossa atenção nem podem deixar de merecer elogiosa referência.

Terminando, noto este facto curioso: o cinema inglês, que tam proeminente posição acaba de tomar, não possui

características próprias. Tanto «Catarina da Rússia» como «A Vida Privada de Henrique VIII» apresentam-se em estilo descritivo americano, apenas apurado por um notável e raro bom gòsto. Mas oxalá a Inglaterra possa dar-nos muitos filmes assim!...

Juntamente com a «Vida Privada de Henrique VIII» foi exhibido o documentário da Tobis, «Sifões do Alviela», um filmezinho razoável e equilibrado que fica bastante acima do nível habitual dos documentários portugueses.

**O Inferno Submarino** — Pela quantidade de gente que afluíu às bilheiras do Trindade e que encheu a sala até aos lugares mais rentes ao *écran*, na noite de estreia de «O Inferno Submarino», reconheço neste filme um grande valor comercial. Êsse valor, que certamente deve ter sido agradavelmente apreciado pela empresa, tanto mais que com filmes incomparavelmente melhores tem feito pequeníssimas receitas, não me interessa. E não me interessa porque, infelizmente, o valor comercial dum filme não é directamente proporcional ao seu valor artístico e ideológico.

Sob diversos aspectos, «O Inferno Submarino» (a despeito da preciosa colecção de adjectivos de que a publicidade o aureolou) é um filme inferior. O conflito é duma total ausência de interesse e de merecimento. O drama que nos contam é uma vulgaridade insípida e inútil: uma mulher bonita, nova, cheia de vida e casada com um inválido ao qual só a ligam os convencionais deveres adquiridos pelo casamento reconhecido à face de Deus e da Lei, apaixona-se por um jòvem tenente, são e forte, na primeira noite em que com êle se encontra casualmente. O marido inválido é um tropêço que os atrapalha um bocado, de mais a mais que há grandes esperanças em o curar. Então o rapaz resolve por bem liquidar a questão matando-se num acto heróico, pela pátria.

Não se trata aqui daquela luta interior de sentimentos que, por exemplo, Somerset Maugham nos apresenta na sua peça «O Ciclone» e cuja base do conflito é idêntica. Aqui é tudo superficial, há simplesmente um choque de instintos. Ela é nova, êle é novo e são, uma atracção sexual liga-os de pronto. E não há mais nada, verdadeiramente. Seria interessante o conflito se a mulher, na pujança da vida, se visse colocada entre o afecto pelo marido inválido (motivo puramente sentimental) e a atracção pela mocidade sã do rapaz (humanissimo motivo material) e então se debatesses, dentro de ambos, sentimentos adversos e imperiosos. A anednota, neste filme (de fraca construção cinematográfica, diga-se já), serve apenas de pretexto para apresentar espectaculosas cenas de guerra no mar, realizadas com aquela largueza, aquele realismo e aquela habilidade que só os americanos conseguem. Mas é odiosa tôda essa visão da guerra, feita de falsos heroísmos e de miserável grandeza.

Além disso há patéticos desta fôrça: uma noite, uma esquadrilha de aviões bombardeia uma cidade. O tenente Knowton e Joan refugiam-se na casa do primeiro, no momento em que explosões terríveis atiram por terra prédios inteiros. E uma vez fechada a porta, corridas as cortinas e refeito o momentâneo susto da rapariga, ei-los conversando

sosegadamente como se a casa fôsse invulnerável ou se inadmissível fôsse que uma bomba a atingisse!...

O «dubbing», bastante imperfeito, diminui o valor da interpretação. Teimo em pedir as versões originais dos filmes que nos apresentem.

**Capturada** — Êste filme sóbrio e bem feito, apresenta-nos sem facciosismo um aspecto da guerra pouco explorado no cinema, servindo de quadro a uma história já velha e debatida. A realização, segura e inteligente, mantém o filme num bom equilíbrio, desenvolvendo o conflito sentimental de forma a prender bem o interesse e a atenção.

A cena da entrega do prisioneiro merece referência especial, pela idea que pretende exprimir. Fotografia e desempenho excelentes.

Lamento apenas que a imperfeita reprodução do som da aparelhagem do Rivoli tenha prejudicado os diálogos cuja falta de nitidez se torna por vezes bastante desagradável.

**Tudo por amor** — Aqui está um filme que agradeu em cheio à quasi totalidade do público. Para isso, também, tinha todos os elementos requeridos: um conflito sentimental, ôco e inofensivo, situações engraçadas, a voz agradável de Jean Kiepura e o infalível «happy-end».

E como a banalidade convencional do argumento e o nível vulgar da realização não influem na opinião da maioria, o filme foi um sucesso... comercial. No desempenho sobressaem Claudie Cleves, uma figurinha encantadora, e Lucien Baroux dando a nota burlesca, se bem que um pouco exageradamente.

**Como tu me desejas** — Foi uma pena que a inferioridade da realização — desenvolvendo a anedocta em moldes absolutamente teatrais — se sobreponha ao que de curioso e de original oferecia o argumento e inutilize, portanto, um filme que podia ser interessantíssimo. No desempenho, apenas se evidencia Greta Garbo num trabalho bom e seguro.

«Como tu me desejas» foi apresentado na versão original, o que é para louvar.

Alves Costa

## em Lisboa

**A sinfonia incompleta** — Willy Forst, o conhecido actor cinematográfico alemão de quem ultimamente temos visto vários filmes, estreou-se como realizador, dirigindo *A sinfonia incompleta*, um filme nitidamente comercial, mas onde há um bom gosto e um estilo cinematográfico merecedores de atenção.

O filme conta-nos, em imagens quasi sempre belas, um episódio mais ou menos fantástico da vida de Schubert, uma aventura de amor cheia de romantismo e de irremediável, conforme o gosto da época.

*A sinfonia incompleta*, cujo valor reside essencialmente na música de Schubert, é todavia notável pela frescura das imagens, muito especialmente de alguns planos de exteriores da Hungria, que são lindíssimos.

As duas canções que Marta Eggert canta são um pouco longas, o que prejudica por momentos o ritmo.

Enfim, um filme que embora não entusiasme, se vê com bastante prazer.

**Máscaras de cera** — Tenho pelos filmes de terror uma especial predilecção e ao mesmo tempo que reconheço ao cinema muito mais possibilidades de tratar estes assuntos com a necessária sugestão do que à literatura ou ao teatro, lastimo e infelicidade de quasi todos os realizadores que têm abordado estes temas.

*Máscaras de cera*, embora não seja um filme perfeito, é todavia dos que mais me têm agradado dentro deste género.

Foi pena que Michael Curtiz se tivesse socorrido por vezes de processos fáceis, conhecidos e já sem interesse: portas que se abrem e fecham sem ninguém lhes mexer, algumas figuras estranhas que deslizam como fantasmas, pequenos detalhes que não tem explicação, etc.

Mas, a-pezar disso, o argumento, que no género é um achado, está conduzido com bastante habilidade, com dinamismo, com bem doseada emoção.

A atenção do espectador não é desviada um momento; as peripécias sucedem-se, os mistérios avolumam-se, ou melhor, vai-se tornando mais densa a atmosfera de mistério e mal-estar, num crescendo de interesse que vai até ao final, absolutamente inesperado.

A cena em que a rapariga, pretendendo defender-se, quebra com os punhos a máscara de cera que oculta o rosto disforme do escultor, e que constitui o momento mais emocionante da película, merece ser salientada.

O filme é tecnicolorido.

Embora este processo seja já bastante perfeito, eu prefiro, por enquanto, o branco e preto.

No entanto, Michael Curtiz soube por vezes aproveitar habilmente o technicolor, tirando dele curiosos efeitos, como por exemplo no incêndio do museu das figuras de cera, em que alguns planos foram indiscutivelmente valorizados pelo colorido.

Interpretação agradável e uma caracterização estupenda de Lionel Atwill.

Em resumo: se me preguntarem se *Máscaras de cera* é um bom filme, eu respondo negativamente; mas se me preguntarem se me distraíu, se me interessou constantemente, eu respondo abertamente que sim.

**Duas gerações** — John Cromwell pretendeu, realizando este filme, focar duas gerações bem distintas pelos seus hábitos e conceitos, a do fim do século passado e a actual, e não se pode dizer que tenha sido feliz.

O principio da película interessa. O espírito da época está bem dado, em meia dúzia de apontamentos inteligentes.

O armazem que prospera rapidamente, o caixeiro finório, o patrão empreendedor e bom chefe de família, são elementos bem manejados que definem o ambiente desse tempo.

Depois o filme começa a arrastar-se, a perder o interesse, a tornar-se monótono.

John Cromwell deu-nos uma produção longa, insípida, e, pretendendo fazer crítica social, não o conseguiu.

Lionel Barrymore, a cargo de que está o papel principal, embora continue a mostrar-se o excelente actor que é, observador e estudioso, nem sempre tem, todavia, a sobriedade que era para desejar e que nós temos o direito de lhe exigir.

Fernando Barras



Aqui está um galã italiano,  
Rengo Ricci, que veremos  
brevemente na produção  
Pitalluga «LA WALLY»  
distribuída por Eduardo da  
Silva Pereira, de Coimbra

# Crítica literária

"O meu amor pequenino"

de António Botto.

A literatura infantil acaba de ser enriquecida — «enriquecida» é o termo próprio — com a publicação do novo livro de António Botto «O meu amor pequenino». Quiz o ilustre poeta, que hoje ocupa na literatura portuguesa um lugar de merecido relêvo, oferecer ao espírito irrequieto e ávido das crianças uma dádiva do seu formoso talento que fôsse simultaneamente entretenimento, Beleza e lição moral. Tudo isso encerra em larga escala, o interessante volume a que me refiro hoje e que estou certo será acolhido por todos os leitores pequeninos com grande prazer — pelo menos com um prazer diferente daquele que lhes teem proporcionado os outros livrinhos de histórias que encham a sua pequenina biblioteca.

Essas três qualidades raras vezes se terão conjugado tão equilibradamente em livros d'êste género. Os meúdos encontrarão nesta colectânea lindos contos, com aquele valor que lhes é particularmente querido, mas vasados numa forma a que não estão habituados e que constituirá possivelmente o seu primeiro contacto com a literatura. Os outros livros de histórias dirigem-se quasi exclusivamente — e não poderia ser de outra maneira — à imaginação das crianças, mas lisongeando o seu gôsto natural pela aventura e pelo maravilhoso, por vezes com um exagêro que não deixará de ser prejudicial. Na ânsia, nem sempre honesta, de conquistar a simpatia dos espíritos juvenis, os autores fornecem-lhes geralmente histórias que não teem outra finalidade que não seja a de entreter, indo ao sabor de uma tendência própria que não conviria alimentar excessivamente. A hipertrofia de imaginação, numa idade em que as impressões recebidas se vincam tão profundamente darão, inevitavelmente, às crianças uma noção falsíssima da vida, considerada como uma série de aventuras em que tudo termina providencialmente bem e em que a intervenção miraculosa das fadas com suas varinhas de condão se encarrega de tornar possível tôdas as coisas. Daí resultará uma hiper-excitabilidade imaginativa que não deixará de ser perigosa para o equilíbrio das faculdades dos espíritos jovens,

que a educação necessitará de desenvolver harmonicamente.

Parece-me, por conseqüência, que a literatura infantil em vez de se dirigir à imaginação das crianças com o propósito exclusivo de a satisfazer, deve, antes, apresentá-la para lhes dar, sob um aspecto atraente, as suas primeiras lições de Moral e de Beleza — lições estas que aliás, de outra maneira, se tornariam improficuas. Quero dizer, em vez de contribuir para dar uma imagem deformada da realidade, ela deve constituir uma preparação para a vida, ministrando ensinamentos pela única forma por que o espírito infantil os podem assimilar com vantagem.

Tudo isso é, evidentemente, uma questão de medida e de intenção do autor. Seria igualmente perigoso cair no exagêro oposto e sob o fundamento de que a vida é amarga e dolorosa, começar desde já por encher de amargura e de dor o espírito das crianças.

Essa justa medida possui-a o Sr. António Botto, em cujos contos não deixa nunca de existir a visão maravilhosa, risonha e ingénua da vida, mas em que há sempre, no íntimo, uma lição moral a colhêr. Essa lição é, porém, dada de uma forma directa, ressaltando da própria história naturalmente, quasi sem o leitor dar por isso. O Sr. António Botto moraliza sem que pareça ser essa a sua intenção e d'êste modo o resultado obtido é infinitamente mais proveitoso. Só um poeta de tão delicada sensibilidade conseguiria escrever êste livro — que, vivamente e sem hesitação, recomendo a todos os pais e educadores — os quais, pelo seu valor literário, o lerão também com grande prazer espiritual.

Confesso que, por este motivo, receei que o livro fôsse por vezes literário de mais, e portanto, pouco acessível a inteligências muito jovens. O meu filho, porém, que tem apenas oito anos e é, portanto, juiz mais competente na matéria disse-me (e pediu-me para deixar aqui consignada a sua opinião) que era êste o livro mais bonito que tinha lido e que ficaria muito contente se o Sr. António Botto escrevesse mais.

Em resumo, um excelente livro e que, sob todos os aspectos, se pode aplaudir sem reservas.

Vasco Rodrigues

# Rua 42

O teatro por  
dentro e por  
fora



*Rua 42* é já um filme famoso. O deslumbramento de certas cenas, as originalíssimas marcações coreográficas, a música agradabilíssima, o seu grupo admirável de *girls*, e ao mesmo tempo o conflito curioso e humano que se desenrola nesse mundo inédito para o público que são os bastidores dum grande teatro de revista, fizeram com que as plateias estrangeiras consagassem *Rua 42* como uma verdadeira obra-prima.

E desta vez não houve o costumado desacôrdo entre o público e a crítica.

Vejamos por exemplo o que diz André Maugé, na sua crítica em *Pour Vous*.

*Un film admirable, et qui restera long-temps le film du music-hall. Pour la première fois, nous assistons à l'élaboration d'une revue à grand spectacle et aux mille petit drames qui se jouent derrière la rampe avec l'impression d'être, non pas au spectacle, mais dans la réalité.*

É isto mesmo.

Ao ver *Rua 42* nós assistimos ao trabalho hercúleo que um *metteur-en-scène* tem para pôr em pé uma daquelas assombrosas revistas nova-yorquinas, que nós apenas conhecemos através o cinema e que, pelo seu luxo, pela sua riqueza, pelo seu movimento, por tudo, enfim, batem de longe as famosas revistas parisienses; assistimos ao drama anónimo das figurantes, ao calvário dos ensaios exaustivos, ao despotismo do ensaiador, às mil e uma pequenas intrigas em que o meio teatral, na América do Norte como em Portugal é fertilíssimo.

Freqüentamos o camarim da vedeta, conversamos com os bailarinos, ouvimos o matraquear

contínuo do sapateado, vemos os cenários ao contrário, fazemos namôro às *girls*, fumamos às escondidas do bombeiro de serviço, ajudamos a reanimar uma bailarina que caiu de cansaço, ouvimos as reprimendas dos fiscais—enfim: vivemos intensamente e com verdade a vida agitada e cheia de interesse dum grande palco da Broadway, para acabarmos por assistir, deslumbrados, à representação duma revista formidável, única.

Foi êste o filme que Lloyd Bacon realizou com uma segurança e uma riqueza de pormenores verdadeiramente notáveis, e que Filmes Castello Lopes, Limitada, apresenta em Portugal.

*Rua 42* é ainda valorizada por uma interpretação surpreendente, a cargo dum *cast* como não se encontra a cada passo.

Senão, oiçam:

Warner Baxter, o admirável artista que todos conhecem e que intérpreta o papel do *metteur-en-scène*, aparentemente antipático, mas que é apenas um artista que se dedica inteiramente à sua obra e a quem, no fim, ninguém faz justiça; Bebe Daniels, a artista que nunca envelhece; Guy Kibbee que todos os verdadeiros cinéfilos fixaram em *Ruas da Cidade*; e temos ainda Ruby Keeler e Una Merkel, artistas cujas fotos as revistas cinematográficas tem publicado ultimamente em grande quantidade, sem falar de Ginger Rogers, George Brent, Dick Powell, Ned Sparks, George Stone e um grupo de raparigas bonitas e elegantes como raríssimas vezes o cinema nos tem apresentado.

Eduardo Nogueira



# Cinematografia portuguesa

(Continuação do número anterior)

Em 6 de Maio de 1927 publicou-se o decreto obrigando a incluir em todos os programas cinematográficos exibidos uma fita portuguesa documentária, com a metragem mínima de 100 metros. Em fins desse ano funda-se a empresa «Oporto-Filme Company», tendo como director-geral António Mateus Ramos Pinto.

Antes de entrar na resenha e enumeração da produção cinematográfica desse ano, quero assinalar onze filmes cuja *certidão de idade* desconheço, supondo-os contudo anteriores a 1917. São eles: «*A Engeitada*», «*A Madrugada*» e «*Envelhecer*», extraídos, respectivamente, do romance de Camilo Castelo Branco e das peças de Fernando Caldeira e Marcelino de Mesquita. O intérprete da última foi Eduardo Brazão. O mesmo direi de «*Tragédia do amor*» um drama em 6 partes, da «Invicta-Filme», desempenhado por Emilia de Oliveira, Adeline Fernandes, Alda Azevedo, António Pinheiro, Betencourt Ataíde, Duarte Silva e Adriano Guimarães, e «*A estrela de brilhantes*», uma comédia em 3 partes (1300 metros) edição da «Fenix-Filme» e sua única produção, argumento e realização de Augusto Barroso Marques, filmagem de Charles Malet, cujos intérpretes foram, além do realizador, Beatriz Belmar, Mademoiselle A. Letour, Maria Pinheiro, António Fontoura, Alberto Castelo, Manuel Gonçalves, Justiniano Marques, Artur Paixão, Octávia Navarro, Eugénia Priscila, António Passaporte, João Paixão, Nestor Lopes, João Quaresma e Virgílio Fernandes. Esta fita, a-pesar-de ultimada, nunca foi exibida. E, além desses cinco filmes, os seguintes: «*O homem dos olhos tortos*», da «Lusitana-Filme», que ficou incompleto; «*No país das moiras encantadas*», em 2 partes, da empresa de Faro «Sancho Lima»; «*Ladrão por amor*», cujo protagonista foi Alberto Castelo; «*O groom do Ritz*», em 5 partes, argumento de Reinaldo Ferreira, edição da «Turia-Pick-Filme», de Barcelona, que teve como intérpretes principais: Alexandre Amores, Henrique Baloster, Dr. Queiroz, Luís Magalhães, Alexandrino Marques, Beatriz Belmar e Lina de Albuquerque, e «*Passeio auspicioso*», comédia em 2 partes, da «Heroica-Filme», argumento e realização de Afonso Gaio, interpretada por Margarida Flores e António Duarte e «*Desventuras de Agapito*», cómica, em 2 partes, interpretada por Nestor Lopes, Francisco Romer, etc.

Durante o ano de 1927 revive a produção cinematográfica nacional. Reinaldo Ferreira fundou, no Pôrto, a empresa «Reporter X-Filme», que apresentou os filmes: «*Táxi 9297*», em 8 partes, «*Rito ou Rita*», em 3 partes, «*Hipnotismo ao domicílio*», em 3 partes e «*Vigário Foot-Ball Club*», em 2 partes. O director comercial da empresa era J. Alves Barbosa. «*Táxi 9297*», porventura a melhor daquelas fitas, encenada por Maurice Laumann, teve como intérpretes Maria Emilia Castelo Branco, Fernanda Alves da Costa, Antónia de Sousa, Alves da Costa, Alexandre Amores, Luiz de Magalhães, Alberto Miranda, Manuel Silva, Adriano Guimarães, Roberto Fernandes, Henrique de Albuquerque, Acácio Sá e Edgar Ferreira. As outras fitas citadas, inferiores à primeira, foram encenadas também por Maurice Laumann e interpretadas pelos mesmos artistas, que constituíam o quadro da empresa, sendo todos os argumentos de Reinaldo Ferreira.

Desse mesmo ano são as fitas: «*A mão enluvada*», argumento de Antero Faro realizado por João Fernandes Tomaz, que foi interpretada por D. Ana de Gonta Colaço, menina de Riba Tamega, Antero de Noronha, Rafael Alves, Antero Faro, Aurélio Rodrigues, Sacadura Bretes e João Quaresma, e «*O diabo em Lisboa*», encenada por Rino Lupo e filmada por Artur Costa Macedo, cujos intérpretes foram: Maria Emilia Castelo Branco, Beatriz Costa, Aida Lupo, Maria Sampaio, Branca de Oliveira, Beatriz Belmar, Maria Amélia Martins, Carlos de Arbués, Eurico Amaral, Joaquim Avelar, Carlos Viana, Luiz de Magalhães, Amílcar de Sousa, Manuel Baptista e Valentim da Cunha.

A-pesar-de feito em 1927, o filme «*Fátima milagrosa*» só em Abril de 1928 foi apresentado ao público, editado pela empresa «Melo, Castelo Branco, Lim.<sup>da</sup>», argumento e realização de Rino Lupo, fotografia de Maurice Laumann e decorações de Pedro Santos. Foram seus intérpretes principais: Maria Judice da Costa, Ida Krüger, Aida Lupo, Alice Ogando, Margarida Ferreira, Léa Niako, Amélia Figueirôa, Maria Odette, Fernanda Simões, Natércia Silva, Antero Faro, Francisco Silva, Rafael Alves, Amílcar de Sousa, Alberto Miranda, Pedro Santos e Carlos Azedo.

Em 16 de Maio do mesmo ano foi exibida, numa festa de caridade realizada no Teatro do Ginásio, a fita infantil em 2 partes «*O aflhado de Santo António*», adaptação de um conto popular em argumento de Afonso Lopes Vieira, filmada por Artur Costa Macedo nos jardins do palácio Fronteira.

Ainda que editada por uma empresa estrangeira, a «Esa-Film» (Europe Sud Amérique Film) citarei a fita «*As capas negras*», apresentada nesse ano de 1928 e realizada em Coimbra com a colaboração da Academia. Encenada por Genaro Dini, com 8 partes, teve como intérpretes principais: Jorge Infante, Luiz Leitão (português), Regine Bonet, Nilda Duplessis, Genaro Dini e Charley Sow. O argumento desta fita é um episódio histórico-romantizado da época de D. João VI e decorrendo em Coimbra, na sua maior parte.

Ainda desse ano de 1928 é o filme «*Bailando ao sol*», apresentado em Lisboa a 9 de Julho. Foi seu encenador António Ribeiro, operador Aníbal Contreiras e principais intérpretes as alunas de Madame Britton: Inês da Câmara Machado e Alda Teixeira Pimentel.

O ano de 1929 foi escasso em produção cinematográfica nacional. Recordo apenas o filme «*José do Telhado*», em 14 partes, com 5650 metros, estreado em Lisboa no dia 2 de Dezembro. Inspirado no romance de Eduardo de Noronha e editado pela empresa do Pôrto «Lupo-Filme», foi realizado por Rino Lupo, tendo como operador Maurice Laumann e sendo a indumentária de Jaime de Valverde. Foram seus principais intérpretes: Carlos Azedo, Julieta Palmeira, Maria Emilia Castelo Branco, Aida Lupo, Ida Krüger, Zita de Oliveira, Luiz Magalhães, Celestino Pedroso, Manuel Baptista, Rafael Alves, Laura Vidal, Carlos Moreira, Alberto Castelo, António Bandeira, Abel Azevedo e António Duarte.

Foi em 9 de Abril desse ano que se constituiu, em Coimbra, a empresa «Coimbra-Filmes», tendo-se exibido nesse mesmo ano o seu primeiro programa, em Lisboa, com o filme «*Capas Negras*», a que já fiz referência. Mais tarde editou esta empresa o documentário «Coimbra», que mereceu os maiores louvores do Conselho Nacional de Turismo. Também a quando do Congresso dos Professores Primários, realizado em Coimbra em 1930, marcou como nota inteligente e profundamente instrutiva a sessão cinematográfica organizada por esta empresa, com filmes instrutivos e educativos.

Em 1930 organiza-se, no Porto, a «Oporto-Film Lim.<sup>da</sup>», tendo como director-financeiro o engenheiro Marques da Fonseca, sob a direcção artística de Maria Emilia Castelo Branco e direcção técnica de Carlos Moreira.

Em 5 de Julho foi vendido o studio da «Invicta-Filme», do Porto, e em Agosto desse mesmo ano funda-se em Lisboa a «Tagide-Films Lim.<sup>da</sup>», de cuja empresa faziam parte: Alberto de Castro Neves, Manuel Graça, João Guilherme Matoso da Fonseca, Eduardo Malta, Joaquim de Almeida Alves e Joaquim Justiniano Marques.

Ésse ano de 1930, que se pode considerar fértil em produção cinematográfica, marca o início de uma nova época, de uma vida nova na cinematografia nacional.

(Continua no próximo número)

# Estação de serviço

## Sala de espera

Na Alemanha estão-se dando as coisas mais extraordinárias. Desde que Hitler se apouso das rédeas do poder, a doença racista parece ter pôsto tudo doido. Mesmo no campo cinematográfico. Primeiro, correram com todos os artistas, realizadores e técnicos de sangue alemão impuro ou de nacionalidade estrangeira. Fritz Lang, Pabst, Erik Chanel, Czinner, Erno Metzner e muitíssimos outros viram fechadas tôdas as portas, viram a vida impossibilitada dentro das fronteiras alemãs. Depois, precipitando a ruína do cinema alemão, já desmantelado pela falta de muitos dos seus melhores elementos, iniciaram a produção de filmes de carácter e de propaganda nacionalista e viram, por seu turno, os mercados estrangeiros recusar essas fitas ou recebê-las com desagrado.

Agora, passam os limites do bom-senso e são ridículos. A apresentação, em Berlim, do filme inglês «Catarina da Rússia», que vimos há pouco, foi acompanhada de grandes tumultos e a fita acaba de ser proibida em todo o território alemão em virtude de... Elisabeth Bergner, a protagonista, ser de descendência judaica!...

Querem melhor?

## Expediente

JOÃO GOMES MEIRELES — Não sei se voltaremos a ver mais filmes dos irmãos Max em virtude do desinteresse com que o público os recebeu. Harpo Max é, dos quatro, o melhor, porque é o único que é perfeitamente doido. Os outros ainda estão um bocadinho ligados ao normal, um bocadinho dentro da lógica, e é pena. É natural que lhe respondam escrevendo-lhes para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia, U. S. A.

CELESTINO PEREIRA — Esta secção está ao inteiro dispor de todos os leitores, sem distinção entre aqueles que são assinantes e aqueles que não o são. As respostas são gratuitas. Não respondo particularmente. É conveniente não fazer muitas perguntas de cada vez.

BETTY BOOP! GEE, WHAT A GIRL! — O seu pseudónimo fêz-me rir... mas é um bocadinho grande. É possível que, se o amigo escrever a Max Fleicher, êle lhe mande um retrato da «Betty Boop». Não perde nada experimentando. Escreva, então, para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia, U. S. A.

PRÍNCIPE DE PICKFAIR — A má impressão que erradamente tive a seu respeito tem uma explicação. Pela sua primeira carta, você pareceu-me justamente o que não é, um desses cinéfilos-pafetas que infestam a terra. Afinal reconheci que a minha aversão por essas pessoas era compartilhada por si e a minha opinião a seu respeito mudou por completo. Enganei-me, mas também a sua primeira carta se prestava a confusões... A franqueza com que então lhe respondi serviu de alguma coisa: desfêz um êrro de que eu não fui o maior culpado. «Nuestro Cinema» publica-se muito irregularmente porque sendo uma revista doutrinária vê-se cercada de grandes dificuldades. Mas é uma excelente revista, pode crer. Na imprensa cinematográfica só conheço duas outras publicações (de género diferente, é claro) que se podem colocar a par de «Nuestro Cinema». São a revista italiana «Cinema Educador» e o trimestral inglês «Close Up». Acho excelente a vossa idea. Oxalá vocês vençam. Sôbre o club cinematográfico... estamos a pensar, mas ainda não dissemos a última palavra. A gente não quer convencer-se disto, mas a verdade é que os verdadeiros entusiastas pelo cinema, quasi se podem contar pelos dedos.

A. H. MELO — Não compreendi o que quer dizer. Veja se para outra vez fala mais claro.

MADEMOISELLE INSENSÍVEL — Não é justo que você guarde ainda uns mistérios por esclarecer... De mais a mais tendo eu sido para consigo verdadeiramente «fifty and fifty». Então ai só levam fitas más? Tenho pena de si. E você tem direito a invejar-nos... Em menos dum mês deram-nos 6 filmes excelentes: «Catarina da Rússia», «Toureiro à Força», «A Vida Privada de Henrique VIII», «O Preço de uma Vida», «Adeus às Armas» e «Cânticos dos Cânticos». Ficamos esperando a sua visita. E se vier muito cedo e nenhum de nós cá esteja, será recebida com tôdas as honras pela nossa secretária, uma simpatia de rapariga que parece mesmo irmã gêmea do rato Mikey... Transmitirei a Marianela de Castro as suas palavras de amizade.

REI DA CINELÂNDIA — Obrigado pelos seus cumprimentos. Na convocação de que fala houve de facto êrro de datas que não pudemos evitar a tempo. Não lhe dei a direcção que pede pela simples razão de não a possuir actualizada. Farei o seu oferecimento. Até breve. Retribuo o abraço.

TOUREIRO À FORÇA — Fernando Barros e Alves Costa agradecem os seus cumprimentos e o interesse que lhe merecem as suas páginas de critica. Os artigos de publicidade que MOVIMENTO inseriu, ou venha a inserir, não alteram, nem pouco que seja, a sua linha de independência. Não sei ainda se será exibida durante esta temporada, a nova fita de Eddie Cantor, «Roman Scandals».

DAVID ARAÚJO — Tenho aqui um postal para si. Quando me diz a sua direcção? Já apareceu um pretendente para os números de MOVIMENTO que você pretende vender.

BOUBOULE II — Actualmente Charles Laughton já deve estar em Hollywood interpretando o papel de Luis XVI numa fita em que terá Norma Shearer como «leading-lady». Depois regressará a Londres para interpretar «The Scarlet Pimpernel». Há pouco tempo ainda, representou, no Old Vic, «The Storm» de Shakespeare e «The Importance of Being Earnest» de Oscar Wilde. Charles Laughton lê-se «Tcharles Láuton». É casado com a actriz Elsa Lanchester. E é tudo quanto lhe posso dizer.

DOIDO PELO CINEMA — Não sei ainda em que data será estreado «Gado Bravo». Por enquanto não posso dizer nada sôbre êsse filme. Não costumo fazer juizos antecipados.

MOVIMENTÓFILO — Obrigado por êsses abraços todos, que manda para eu distribuir pelos meus camaradas. Dizem que o próximo filme da Tobis será uma nova adaptação de «O Amor de Perdição». Comercialmente, tem as suas vantagens levar à tela êsse conhecidíssimo romance. Do que faz ou do que pensa fazer a Tobis sabemos muito pouco. Nem quando estava em grande actividade nos mandava fotografias ou noticias... Leia o que digo acima a respeito de «Gado Bravo».

MORENA — Transmitti ao Luis Guedes os seus cumprimentos e o seu desejo de ler mais frequentemente artigos e poesias de sua autoria. Ficou desvanecido. Não, Abel Gance não abandonou o cinema. Está dirigindo «Poliche» segundo a obra de Henre Bataille. Gostei muitíssimo de «A Vida Privada de Henrique VIII». Você fêz muito mal em não ter ido ver êsse filme. Merecia dois açoites...

## Apertado n.º 13

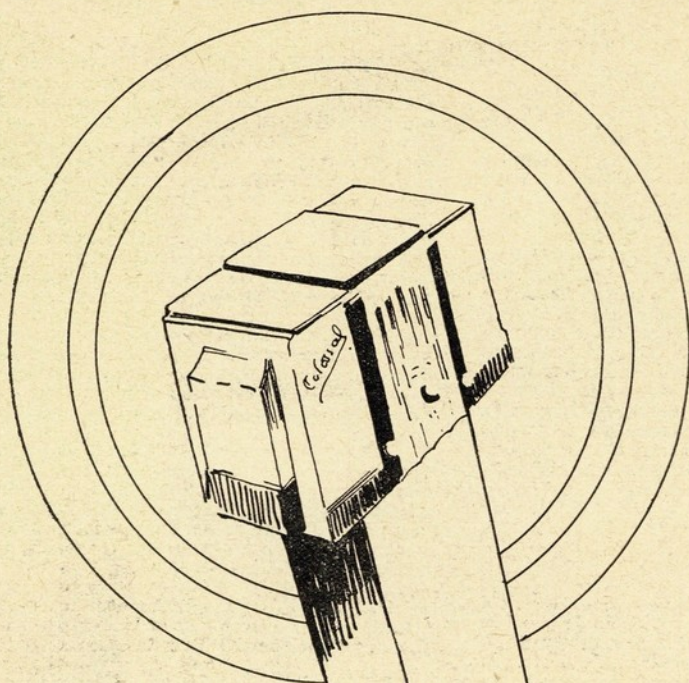
J. FONSECA SILVA — (Rua Chã, 102-2.º Pôrto)... oferece o número 5 de MOVIMENTO à primeira leitora que lhe escreva solicitando-lho.

LISBOETA... envia cumprimentos a «O Príncipe Negro».

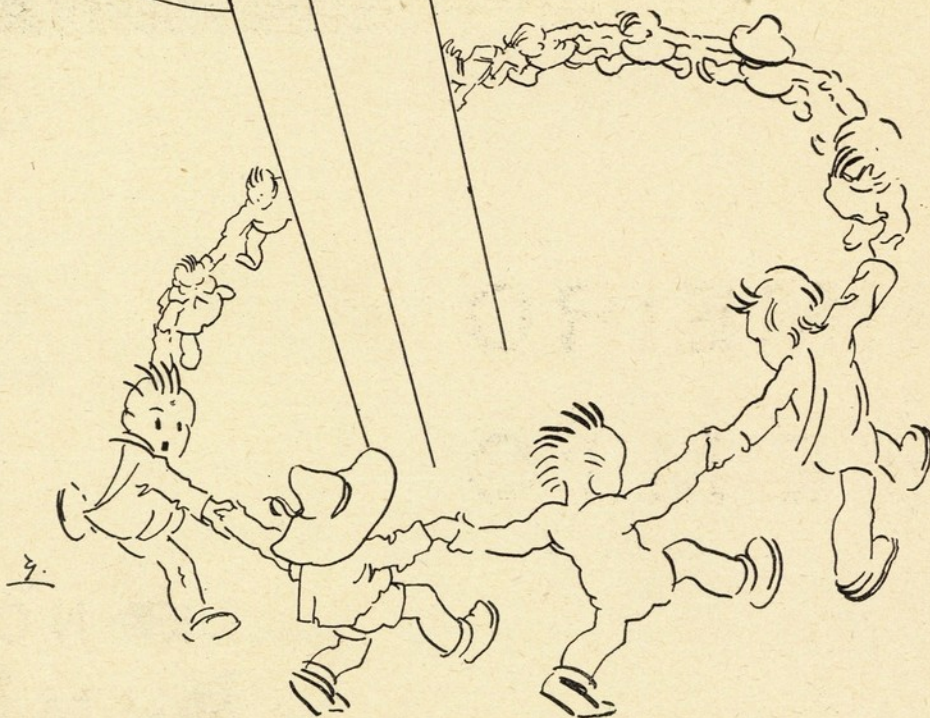
Amok

# COLOSSAL RADIO

---



Um aparelho  
pequeno que  
é um grande  
aparelho.



**Sociedade Comercial Luzo Americana, L.<sup>da</sup>**

LISBOA--Rua da Prata, 145

PORTO--R. Sá da Bandeira, 339



Projecto do architecto  
JOÃO QUEIRÓS

O  
PRIMEIRO  
PRÉMIO

DO NOSSO  
NÚMERO  
DE VERÃO

# Muraline



A melhor  
tinta a  
água

MÁRIO COSTA & C.A, L.<sup>DA</sup>  
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º,  
TELEFONE, 2571 — PORTO